Difícil previsão

Mesmo critérios confiáveis de previsão da safra de café podem ser desmentidos por adversidades do clima

ARMANDO MATIELLI
ANDRÉ L. MATIELLI

O clima é o principal dos fatores que limitam a produção de café. No início de agosto passado, o perigo da seca era iminente, a julgar pelos fatos evidentes naquele momento: em 30 de julho de 1999, o déficit hídrico era de 83mm; da segunda quinzena de março até a mesma data, choveu cerca de 1/3 da média nas principais regiões cafeeiras. Agosto caracteriza-se como predominantemente seco e setembro como muito heterogêneo nas principais regiões cafeeiras; no final de julho, era visível o alto nível de estresse das plantas de café.

Prejuízos previstos

Diante desse quadro não era preciso ser um exímio meteorologista para alertar sobre os prejuízos na produção de café da safra 2000/2001.

Um déficit hídrico acima de 150mm causa prejuízos na produção do café Arábica de no mínimo 30%.

Em 30 de novembro de 1999, uma importante fonte – a Estação de Avisos do Ministério da Agricultura de Varginha, em Minas Gerais, a Procafé – acusava um déficit hídrico de 305,8mm. Matematicamente, esse déficit significa um prejuízo de 60% ou mais da produção: com certeza terá havido prejuízos maiores que esse.

Brasil: café – influência do clima

Em milhões de sacas

Ano safra	*Produção*	*Incidentes climáticos*
1970/71	11,00	Seca de 1968
1976/77	9,30	Geada de 1975
1980/81	21,50	Geada de 1979
1986/87	13,90	Seca de 1985
1995/96	16,80	Geada de 1994
Média	14,50	-
2000/2001		Seca de 1999

Fonte: Usda, Depart. de Agricultura dos EUA
Anuário Estatístico do Coffeebusiness 1996, p.32.

Previsão segura

A seca assolou Minas Gerais, São Paulo e com menor intensidade o Paraná. Esses estados correspondem a praticamente 75% do parque cafeeiro nacional.

A produção de café Arábica, concentrada no Espírito Santo, em Rondônia e na Bahia, e a de café Robusta (Conillon) escaparam aos rigores do clima.

A previsão oficial da produção 2000/2001 é elaborada pela Embrapa, onde 220 engenheiros agrônomos de reconhecida competência trabalham com critérios técnicos de amostragem em 3.500 propriedades cafeeiras nas principais regiões produtoras.

Teremos então o número supostamente certo da produção 2000/2001. A Embrapa esperou terminar a colheita 1999, a

Previsão da safra cafeeira 2000/2001

Parque e produção – posição levantada em nov./dez. 1999

Estados e regiões	*Parque cafeeiro*				*Produção*		
	*Em formação**		*Em produção*		*1ª previsão – nov./dez. 1999 (mil sacas beneficiadas)*		
	Área (ha)	*Cafeeiro (mil pés)*	*Área (ha)*	*Cafeeiro (mil pés)*	*Arábica*	*Robusta*	*Total*
Minas Gerais	132.000	479.000	829.000	2.039.000	14.200	–	14.200
Sul/Oeste	78.000	273.000	438.000	1.043.000	8.400	–	8.400
Triângulo/Alto Paranaíba	19.000	83.000	124.000	395.000	2.500	–	2.500
Zona da Mata e Jequitinhonha	35.000	123.000	267.000	601.000	3.300	–	3.300
Espírito Santo	63.700	149.000	508.700	984.000	2.200	4.000	6.200
São Paulo	14.200	43.700	200.400	374.000	3.400	–	3.400
Paraná	19.700	85.300	145.200	298.000	2.200	–	2.200
Rondônia	42.000	95.000	160.000	187.000	–	1.400	1.400
Bahia	16.000	55.000	89.000	145.000	900	200	1.100
Outros	9.000	33.000	48.000	83.000	200	200	400
Total	296.600	940.000	1.980.300	4.110.000	23.100	5.800	28.900

* Até 2,5 anos de idade.
Convênio MA/Embrapa.

florada, o *pegamento das flores*, e iniciou as análises em uma fase que oferece maior segurança, fora do estágio *chumbinho*/expansão.

Prudência e caldo de galinha...

Prever com muita antecedência, esquecendo que o clima é decisivo para a produção de café, pode ser uma imprudência.

Em 1999 essa imprudência causou enorme prejuízo ao país. Antes de se iniciar a última colheita, começaram a surgir estimativas de 40 milhões de sacas para a safra 2000/2001, derrubando os preços a níveis comprometedores.

Com isso vendemos café de excelente qualidade e de uma safra pequena a preços de anos de safra alta.

Nossos avós já diziam que prudência e canja de galinha não fazem mal a ninguém. Vendemos muito café, ganhamos *market-share*, mas agora estamos na enrascada já prevista para o agronegócio café: prejuízos para todos.

A cafeicultura brasileira está instalada a céu aberto, à mercê de adversidades climáticas como veranicos na época produtiva na florada, chuvas de granizo e outras; temos ainda as famigeradas e destrutivas geadas.

Ser realista é preciso

Ora, é preciso ser realista. Desde 1994 não ocorrem geadas, mas sabemos que elas podem e costumam ocorrer, em média uma por década. Estamos entrando no sexto ano sem geada.

Nem terminaram os prejuízos da atual seca e já se começam a prever os números da colheita 2001/2002. É válido prever, mas sem esquecer do clima e que ainda temos 18 meses pela frente antes da safra 2001/2002, período durante o qual atravessaremos dois invernos e muitas intempéries.

O Brasil é o maior produtor mundial de café e logicamente um dos que mais sofrem com incidentes climáticos.

Só para refrescar a memória: nos últimos 30 anos enfrentamos diversos incidentes climáticos com prejuízos para a produção. A tabela mostra os seis mais importantes e podemos conferir a assombrosa média das cinco safras posteriores a essas adversidades: 14,50 milhões de sacas.

No agribusiness do café podemos controlar quase tudo. Mas não podemos controlar na produção o fator soberano que é o clima. Dependemos de São Pedro, que às vezes fecha a torneira – e aí *o bicho pega*.

Armando Matielli *é engenheiro agrônomo.*
André L. Matielli *é aluno de graduação do quinto ano da Esalq/USP.*

Milho

Mais que ajustado

Altos e baixos na produção e ameaça de escassez tornam o milho mais caro no novo ano

Rogério Ferreira de Souza

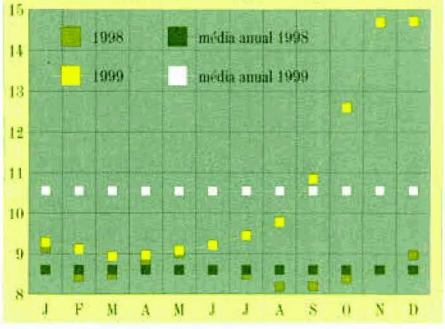
Desde agosto do ano passado os preços do milho no mercado interno vinham mantendo a tendência de alta. A sensação de que faltaria milho para o final do ano, devido aos problemas climáticos que prejudicaram a safrinha e às dificuldades criadas pela alta do dólar ante o real para as importações do produto pelos grandes consumidores, fez com que os preços do milho disparassem.

Comparativamente, no segundo semestre de 1999, conforme mostra o gráfico das médias mensais e anuais de 1998 e 1999, os preços estiveram acima da média anual, ao contrário do que aconteceu em 1998, quando variaram em torno da média anual. Em termos nominais, os preços ficaram 42% mais altos do que no segundo semestre de 1998. A maior variação, em novembro de 1999, apresentou 71% em relação ao mesmo mês de 1998.

Com a presença do governo na realização dos leilões dos estoques governamentais e com a liberação do pagamento a prazo para o milho importado, em dezembro o mercado se acalmou e a variação dos preços nominais do mercado interno foi de 0,14%.

Com o início do novo ano, muitos agentes consumidores de milho se viram sem estoques e com necessidade de se abastecer. Só que, ao contrário do que aconteceu em dezembro, o mercado estava extremamente

Médias mensal e anual do indicador do milho FGV/BM&F (1998 e 1999) – em R$



Indicador FGV/BM&F e contratos futuros (janeiro e março)

